

COMUNICAÇÃO

A RECENTE REIMPRESSÃO ANASTÁTICA DA SECONDA SCIENZA NUOVA (1730) A PARTIR DE UM EXEMPLAR NAPOLITANO (XIII H 59)

Fabrizio Lomonaco*

A **Fundazione Pietro Piovani per gli Studi Vichiani**, no cumprimento de suas finalidades institucionais, iniciou aquela que pode ser a nova série de "Textos" da *Collectio Viciana* (confiada aos cuidados dos editores Liguori de Nápoles), com a reimpressão anastática do exemplar ricamente apostilado da *Scienza Nuova* de 1730, conservado na Biblioteca Nacional "Vittorio Emanuele III" de Nápoles (registro ms. XIII H 59)¹. A publicação foi financiada pelo Ministério das Universidades e da Investigação Científica e Tecnológica (Projeto de pesquisa e formação, 1999-2002) da República Italiana, com a autorização do Ministério para os Bens e as Atividades Culturais. Essa edição nasceu da profícua colaboração com o **Centro di Studi Vichiani** de Nápoles (atualmente Istituto per la Storia del Pensiero Filosofico e Scientifico Moderno) vinculado ao Consiglio Nazionale delle Ricerche, inscrevendo-se no projeto de edição crítica das *Obras* de Vico, dando prosseguimento ao trabalho empreendido já em 1991, com a publicação da edição anastática do texto original². Nessa nova iniciativa, era esperada a melhoria da qualidade do facsímile anterior e para tanto optou-se pela pre-

* Professor Titular de História da Historiografia Filosófica na Facoltà di Lettere e Filosofia da Università degli Studi di Napoli "Federico II".

¹ G. Vico, *Principj d'una Scienza nuova d'intorno alla comune natura delle nazioni* (Nápoles, 1730, com apostilas autografadas, ms. XIII H 59), organizado por F. Lomonaco e F. Tessitore, com uma nota de M. Sanna, Nápoles, Liguori, 2002.

² G. Vico, *Principj d'una Scienza nuova d'intorno alla comune natura delle nazioni* (1730), organizado por M. Sanna e F. Tessitore, Nápoles, Morano, 1991.

paração da edição anastática – em novo formato digital a cores – do exemplar apostilado acima citado. Nesta proposta confluíram e se renovaram idealmente os êxitos do “novo curso” dos estudos promovidos na segunda metade do século passado. As investigações atualizadas sobre a história e a fortuna da obra de Vico estabeleceram a distância definitiva entre as intervenções exegéticas de Fausto Nicolini, o infatigável editor do início do Século XX, benemérito por ter esclarecido, à luz dos materiais individuais, dos manuscritos e apostilas, o processo de formação da *Scienza Nuova*, mas ansioso por ordená-lo como uma passagem ascendente e aprimorada da primeira (1725) para a última edição (1744)³. Da complexa “elaboração” da obra, o coautor da magistral *Bibliografia vichiana* de Benedetto Croce tentou oferecer uma imagem efetivamente coerente, privada de articulação interna, recolhendo o vastíssimo material manuscrito com base na seleção interpretativa arbitrária para privilegiar o texto da última versão. Assim, a edição publicada em 1730 ficou marginalizada no *corpus* dos escritos, permanecendo quase sem ser consultada no aparato das notas à *Scienza Nuova* de 1744. Para a retomada desta iniciativa contribuiu naturalmente a discussão muito atual da interpretação neoidealista que havia apoiado as propostas da “filologia” nicoliniana. A mesma pesquisa analítica das fontes do pensamento viquiano, como via de acesso para uma verdadeira e própria historicidade, se traduziu, em chave exegética, na exigência, talvez inadiável, de compreender a intencionalidade teórica do filósofo à luz do complexo devir das suas obras. Todas as “correções” e os “acréscimos” de Nicolini ao conteúdo, ao léxico, à grafia e à pontuação do texto, freqüentemente atribuída mesquinamente à “obscuridade” de Vico, foram historicamente discutidas nas suas características específicas e em função da exigência, não só técnica, de um contato o mais próximo possível com a voz autêntica do clássico examinado em si e por si. Basicamente, a tomada de distância em relação à

³ F. Nicolini, *Introduzione a G. Vico, La Scienza Nuova giusta l'edizione del 1744 con le varianti ell'edizione del 1730 e di due redazioni intermedie inedite e corredata di note storiche*, organizado por F. Nicolini, Bari, Laterza, 1911, parte I, p. XXXIII e sgg.

finalidade da edição laterziana também nos confirma o seu valor histórico, coerente com o caráter de historicidade de cada leitura e indagação historiográfica que alimenta uma edição criticamente almejada.

Especificamente, a realização da edição anastática pretende ser a resposta de uma verdadeira e apropriada iniciativa cultural frente à necessidade — decorrente dos estudos do final dos anos Sessenta do século passado — de preparar um inventário de todas as obras víquianas (publicadas e em manuscrito). Era justamente isto que Pietro Piovani considerava indispensável, ele que foi indiscutivelmente o sensibilíssimo artífice do “novo curso” dos estudos, quando, em 1969, auspiciava o “conhecimento pormenorizado das estratificações sobrepostas” nos textos, para chegar a catalogar “desde o *Diritto universale* (...) as singulares ‘variantes lógicas’ formuladas sucessivamente sobre alguns argumentos tópicos” e a reconstruir “sobre bases rigorosamente filológicas, a história textual da *Scienza nuova* desde a *Scienza Nuova Prima* até as últimas *Correções, Acréscimos, Melhoramentos: a história das Scienze Nuove*”⁴. Ter este conhecimento em chave teórica significava valorizar a instância de revisão dos textos que o programa das atividades do **Centro di Studi Vichiani** reavivava, em 1971, com as palavras do seu fundador [Pietro Piovani, N.T.], promotor do “plano para uma edição nacional” com o apoio do C.N.R. inserido no marco mais amplo “das edições dos textos filosóficos”, discutida por Eugenio Garin no *Bollettino della Società Filosofica Italiana* em 1971; uma edição “nacional” — acrescentaria em seguida Piovani — digna desse nome, somente se resultasse de uma nova conjuntura dos estudos em uma “edição crítica”⁵.

O convite do renomado mestre, hoje, no vigéssimo primeiro aniversário da sua morte, pode dizer-se contemplado na continuidade do trabalho, que promove e solicita novas intervenções her-

⁴ P. Piovani, *Per gli studi vichiani* [1969], e depois in Id., *La filosofia nuova di Vico*, organizado por F. Tessoro, Nápoles, Morano, 1990, pp. 387, 388.

⁵ Id., *Per l'edizione nazionale di Vico*, in *Bollettino del Centro di Studi Vichiani*, II, 1972, pp. 5, 10 (doravante será citado pela sigla BCSV).

menêuticas. Não por acaso, a reimpressão da obra — que aqui se apresenta pela primeira vez aos leitores e aos estudiosos de Vico — é a realização do velho desejo e, ao mesmo tempo, uma primeira etapa dos desenvolvimentos dos estudos contemporâneos. É a confirmação de uma nova estratégia crítica-filológica, interessada em mostrar a evolução interna da obra para agrupar, reordenando, todos os “materiais do autor” nos diferentes estratos e momentos do seu devir autônomo. Tomando os cuidados críticos, mais especializados do que aqueles formulados nos primeiros anos da década de Setenta do século anterior, a reprodução anastática mostra-se um documento precioso, único no seu gênero, do trabalho do autor que consente ao leitor de seguir página por página o trabalho de revisão e de integração do texto com todas as características gráfico-lingüísticas do seu *usus scribendi*. Entre a *Scienza Nuova Prima* de 1725 e aquela de 1744, não há somente a edição “impressa” em 1730; existem acréscimos, correções e apostilamentos marginais introduzidos pelo autor e sucessivamente corrigidos. A versão publicada perde os caracteres de perfeição e unicidade, quando não se leva em conta a pesquisa e o estudo da interferência de diversos estratos de composição. O texto autografado, como que recebido das mãos do autor, proporciona ao trabalho (em curso) de edição crítica a possibilidade de acesso a uma fase específica da escritura da obra. Em um momento histórico particular da sua construção emerge, também, a continuidade de uma reflexão no tempo, capaz de iluminar até mesmo as confusões e as incertezas lexicais do filósofo, o seu método de trabalho original no *mare magnum* da sua *scienza*.

A reprodução anastática do exemplar apostilado XIII H 59 ocorre em um momento bastante significativo da pesquisa que expressa um trabalho notável (iniciado — em 1986 — pelo **Centro di Studi Vichiani** sob os cuidados especializados de Paolo Cristofolini e Manuela Sanna, atualmente bem próximo de sua conclusão) para a edição crítica da *Scienza Nuova* de 1730 com *Correções, Melhoramentos e Acréscimos*. Além disso, também com base na transcrição dos textos em tal programa de revisão exegética, Fulvio Tessitore ofereceu a versão da segunda e da terceira *Scienza Nuova* ao lado

da primeira (1725) em uma extensa, arrazoada seleção das obras de Vico, que apareceu recentemente na coletânea romana **Cento libri per mille anni**, dirigida por Walter Pedullà⁶. Porém, o mais importante desta edição anastática do exemplar apostilado de 1730 é que ela vem acompanhada do término do trabalho de reconhecimento dos materiais da edição crítica com a identificação de 24 exemplares na Itália⁷ dos quais 20 em posse de bibliotecas públicas (4 bibliotecas privadas) e 22 registrados nas demais partes do mundo⁸. Todas as edições apresentam intervenções autografadas de Vico, diferenciadas na forma e no grau de incidência sobre o conteúdo da obra. Das correções, no corpo do texto, de recomposições e erros (ortográficos, gramaticais e de pontuação) se distinguem as apostilas (marginais) e as supressões, os acréscimos, as substituições de partes inteiras do texto, destinadas a integrar organicamente o conteúdo da página impressa e a organização interna do sentido. A este gênero de correções pertencem aquelas presentes no exemplar napolitano aqui proposto. Em relação ao outro exemplar apostilado (conservado na Biblioteca Nacional de Nápoles, registro ms. XIII H 58), esse (corpo de encadernação de 160 x 90 mm., pp. XII-478-XII+ 2 páginas numeradas [479 e 480], todas em pergaminho e costuradas) que no frontispício, antes do local e do ano de publicação, o timbre da Biblioteca Borbonica, traz a advertência manuscrita "(c)orrigidos de próprio punho pelo autor" (uma outra, colocada após as identificações tipográficas e à altura do timbre da Biblioteca Nacional de Nápoles, restou, ao contrário, inteiramente apagada), a dedicatória a Clemente XII é anteposta

⁶ *Giambattista Vico*, organizado por M. Sanna e F. Tessitore, Roma, Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, 2000.

⁷ Cfr. *Catalogo vichiano napoletano*, organizado por M. Sanna, suplemento do **Bollettino del Centro di Studi Vichiani**, XVI, 1986, p. 534, com *Aggiunte*, *ivi*, XXIV-XXV, 1994-1995, pp. 262-263 e M. Fantato, *La ricezione di Vico nel Veneto: esemplari dedicati e postillati posseduti dalle biblioteche venete*, In: *Momenti vichiani del primo Settecento*, organizado por G. Pizzamiglio e M. Sanna, Nápoles, A. Guida, 2001, pp. 137-138, 142-145.

⁸ Cfr. S. Caianiello, *Catalogo vichiano internazionale*, Nápoles, A. Guida, 2000, pp. 114-126.

à *Dipintura* e propõe, depois da “TAVOLA/D’INDICI” (pp. 461-464), as “Correções, Melhoramentos, e/ Acréscimos” (pp. 465-478 todas borradas) e a “Carta do Autor. / ALL’ECCELLENTISS. SIGNOR/ D. FRANCESCO SPINELLI,/ *Príncipe de Scalea*” (pp. I-XII todas borradas). Sinais de exclusão apresentam também a última página da “OCCASIONE/Di meditarsi quest’Opera» (p. XII, exceto a linha 1) e aquela relativa ao “occhio” da obra (p. 97: “TRASCELTO/ Dell’Annotazioni, e dell’Opera/DINTORNO/ Alla Natura comune/delle Nazioni./In una maniera eminente/Ristretto, ed Unito/E principalmente ordinato/ Alla Discoverta del Vero Omero”). A “TAVOLA CRONOLOGICA”, colocada no final do volume, apresenta correções e intervenções manuscritas (na margem superior esquerda leva a indicação da página “99”, documentando a sua localização original e distinta no texto). O estado de conservação é bom, exceto a página 407, um timbre aposto em página branca, estranha ao conjunto de páginas encadernadas, assinala a presença do exemplar no ateliê de “Restauração do livro” de Badia di Cava (10 de fevereiro de 1974).

Neste momento, na impossibilidade de poder apresentar toda a edição, é suficiente assinalar duas passagens nas quais as intervenções corretivas foram reproduzidas em todos os exemplares impressos na época. Trata-se das páginas 127 (linha 5: ano de Roma “3666” torna-se “CCCCXVI”) e 132 (linha 13: ano de Roma “3669” torna-se “CCCCXIX”), aqui é interessante notar que se na edição original impressa as correções foram feitas no corpo do texto (com o ano romano em número arábico), no volume apostilado XIII H 59 as mesmas foram introduzidas (com o ano em romano) nas margens laterais com a respectiva referência ao corpo do texto. E são intervenções corretivas, internas ao livro I, de não pouca importância, porque são relativos ao estudo complexo de Vico sobre a evolução do antigo direito romano depois da passagem de Servio Túlio às XII Tábuas, documentos de um empenho teórico-histórico bastante original com a finalidade de recriar a vida feudal, transferindo-a para as origens da história romana. Com esta intervenção, o filósofo retorna à primeira formulação, retificando as convicções cronológicas iniciais, preferindo referir-se aos anos

romanos 416 (338 a.C.) e 419 (335 a.C.) respectivamente às origens da lei *Publilia* com os seus plebiscitos e a sua equiparação às leis (e, por isso, com ela [a lei *Publilia*, N.T.] “se declarou a *Repubblica Romana mudada de estato*, e passou de *aristocrática para popular*”, p. 127) e a [lei, N.T.] *Poetelia Papiria* que “contém um outro tema máximo das coisas Romanas; pois com ela o povo alcançou a razão feudal passando a ser os *plebeus vassalos ligados a qualquer nobre* por causa de débitos” (p. 132).

Para Fausto Nicolini, os dois exemplares napolitanos apostilados foram considerados “partes integrantes” das *Correções, melhoramentos e acréscimos terceiras* (cma3 [1731]) e *quartas* (cma4 [1732-33])⁹. Certamente, as intervenções manuscritas influenciarão os responsáveis pela edição crítica [*Scienza Nuova* de 1730] para verificar a possível correlação dos testemunhos e mostrar as correspondências das passagens assinaladas – nas margens laterais da página – pelos números reintroduzidos para as substituições e integrações dadas em outras partes. A situação da página 134 é emblemática, ali se assinala a inserção da *Dignidade I* (sem nos dar o texto), colocando na margem esquerda o número romano “I”. Erros ainda persistem, na página 158 por falta de indicação da *Dignidade LXXXVIII* e na página 159 pela ausência de correção na numeração da *Dignidade II*¹⁰. Outras dificuldades cruciais se apresentarão ao editor atual quando confrontar o problema prejudicial e complicado de se conciliar as razões da pesquisa dos estratos e das análises da evolução textual com as prerrogativas da edição crítica, fundada sobre o confronto e a seleção dos testemunhos. Uma situação hermenêutica ainda mais complexa relativa à *Scienza Nuova* de 1730 decorre da falta do manuscrito original e da quantidade dos materiais do autor (manuscritos e impressos) que, como é sabido, almejavam a redefinição da obra *a posteriori* com vistas a uma nova edição (nunca impressa) e que, por isso, não podem ser

⁹ F. Nicolini, *Nota In: G. Vico, La Scienza Nuova Seconda giusta l'edizione del 1744*, organizado por F. Nicolini, parte II, Bari, Laterza, 1942, p. 352.

¹⁰ Cfr. D. Rotoli, *Cinque esemplari postillati della Scienza Nuova*. In: **Bollettino del Centro di Studi Vichiani**, XXIV-XXV, 1994-1995, especialmente pp. 16, 46-47.

considerados como simples antecipação da terceira impressão (1744)¹¹.

Em 1978, os textos de Alberto Vàrvaro (o êxito de uma pesquisa coletiva, desenvolvida entre 1976 e 1977 no Instituto de Filologia Moderna da Università degli Studi di Napoli) se apoiavam sobre a exigência convincente de que se deveria vislumbrar “uma edição diacrônica, que disponha ordenadamente o material recuperado por toda a tradição, permitindo seguir em todos os seus momentos o desenvolvimento do texto no tempo, de uma redação para a outra”¹². Objetivo exegético principal se tornou o propósito de reunir todos os materiais viquianos entre a *Scienza Nuova* de 1730 e a de 1744 em uma edição que “ofereça como texto aquele da *Terceira* [edição, N.T.]”. Esta opção não implicava em “um juízo de inoportunidade sobre uma eventual edição da *Scienza Nuova Seconda*”, a hipótese do trabalho predominante tendia a considerar esta última como um momento da complexa “fase de redação 1730-1744”¹³ e, por isso, um verdadeiro e autêntico testemunho da edição da *Terceira*, para encontrar no aparato crítico as relações concernentes às outras iniciativas redacionais. No interior desta hipótese, digna em seu intento geral de ser discutida¹⁴, os exemplares napolitanos apostilados adquiriam relevância crítica e filológica, configurando-se em testemunhos não mais de um trabalho desordenado para se mostrar como “fases diversas de uma revisão sistemática”.

¹¹ Veja-se, a propósito, as reservas críticas de P. Cristofolini, *Piccole chiose alla “Scienza Nuova”*, *ivi*, p. 259. O tema torna-se adequadamente desenvolvido pelo autor em uma contribuição mais recente, orientada para considerar o texto viquiano de 1730 como obra que “por um lado faz a ligação entre as outras duas [de 1725 e de 1744], por outro lado assinala o momento culminante de toda a história mental de Vico” (P. Cristofolini, *Ecdotica di edizioni mancate. Il caso della “Scienza Nuova”*. In *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa, Classe di Lettere e Filosofia*, s. IV, *Quaderni*, 1, 1998, p. 181).

¹² A. Vàrvaro, *Per l’edizione critica della Scienza Nuova*. In *Bollettino del Centro di Studi Vichiani*, VIII, 1978, p. 28.

¹³ *Ivi*, p. 29.

¹⁴ Cfr. P. Cristofolini, *Ecdotica di edizioni mancate. Il caso della “Scienza Nuova”*, *cit.*, p. 183.

A comprovação disso resultava das sondagens empreendidas pelo intérprete sobre um *specimen* extremamente observado e relativo aos §§ 780-787 do livro III (“DELLA DISCOVERTA DEL VERO OMERO”) de 1744, idôneos para sustentar que o exemplar XIII H 58 era posterior ao XIII H 59 e que ambos resultavam anteriores a cma3 e cma4¹⁵, uma vez que as primeiras utilizavam XIII H 59, enquanto que “não se pode dizer qual seja a fonte das *Corr4* [cma4]”¹⁶. Todavia, também neste estudo o material autografado apostilado contribuía para distinguir, no plano hermenêutico, dois momentos na história do texto conexos e também muito diversos: o da *Scienza Nuova* de 1730 e o da elaboração concluída durante a fase longa e complexa (dos anos 1731-33/1734) de transformações e modificações textuais que preparavam a edição de 1744, mas sem identificar-se *tout court* com os seus materiais. Vincenzo Placella em 1978 se referia a esse sucesso da pesquisa exegética moderna. E suas indagações ofereciam *Algumas propostas para a nova edição das Obras de Vico (em particular aquelas filosóficas)*, sublinhava que “entre os empenhos mais importantes dos editores (...) o estabelecimento exato da estrutura de cada obra e o oferecimento, em seguida, do material criticamente classificado de maneira muito clara e proveitosa”. Para tal fim, propunha a reprodução em facsimile dos manuscritos autografados e dos apócrifos corrigidos pelo autor, e não apenas a reprodução dos originais impressos disponíveis, convencido de que “nenhuma descrição, por mais cuidadosa, pudesse fornecer o manancial de informações que o exame dos originais (e, em boa medida, também do facsimile desse) proporciona. [...] A decisão de fornecer os facsimiles dos exemplares viquianos autografados pode dar também a possibilidade, ao leitor, de seguir a evolução da escritura, e de alguns usos gráficos particulares (por exemplo, o uso das abreviações) do filósofo: elementos que, entre outros, são preciosos para a organização cronológica dos escritos completos ou dos estágios redacionais intermediários.

¹⁵ Nomenclatura utilizada por F. Nicolini para se referir aos exemplares apostilados XIII H 58 e XIII H 59 respectivamente [N.T.].

¹⁶ A. Várvaro, *op. cit.*, pp. 32, 33.

Além disso, tal opção pode contribuir para que, quem sabe, a empresa editorial “dure” mais tempo, provendo o leitor do material para confrontação e podendo sempre mais amplamente, em conexão com os progressos da filologia, ter a possibilidade de “ver” coisas novas”¹⁷. Placella, em 1986, fazia referência explícita aos exemplares napolitanos apostilados e retomava o tema, considerando que apenas entre o exemplar XIII H 58 e as cma4 subsistem correspondências de intervenções corretivas, enquanto que o exemplar XIII H 59 apresentava as características de um trabalho preliminar. Com base nesta argumentação, o intérprete oferecia um “exemplo de progressão” extraído da *Anotação “G” da Tábua Cronológica*, no livro I da obra, certificando que o exemplar XIII H 59 pertence a uma fase subsequente às cma3 e se põe sobre um plano antecedente, distinto daquele das cma4, considerados mais próximos do exemplar autografado e do texto de 1744 que da versão de 1730¹⁸. Paolo Cristofolini concorda com esta última hipótese e é propenso a considerar “muito similares” os dois exemplares napolitanos apostilados (XIII H 58 e 59), “pertencentes ao período intermediário com muita probabilidade”, não mais correspondentes – como julgava Nicolini – às cma3 e cma4. Por outro lado, torna-se possível – mesmo com base nas renovadas sondagens de Placella – a correspondência com as correções quartas de um só dos dois exemplares supramencionados, contendo intervenções “por demais no mesmo estilo da correção das provas tipográficas e não no corpo do texto (como aparece nos outros exemplares), e vários sinais diacríticos e números de linha escritos à margem (que) são manifestamente remetidos às notas encontradas em outra parte”¹⁹. Portanto,

¹⁷ V. Placella, *Alcune proposte per la nuova edizione delle Opere di Vico (in particolare di quelle filosofiche)*. In *Bollettino del Centro di Studi Vichiani*, VIII, 1978, pp. 49, 57-58 e nota.

¹⁸ Id., *Il resoconto di Vico su una mancata edizione della Scienza Nuova e i problemi ecdotici dell'Autobiografia. Con un'Appendice di testi*. In *Annali dell'Istituto Universitario Orientale, sezione Romanza*, XXVIII, 1986, 1, pp. 75-78 e 79-82.

¹⁹ P. Cristofolini, *Ecdotica di edizioni mancate. Il caso della “Scienza Nuova”*, cit., pp. 182, 184, 183, 182.

a proposta atual da edição crítica da *Scienza Nuova* de 1730 parte da restauração integral do texto impresso em um volume que, na primeira parte oferecerá a transcrição integral das cma1 e cma2 (renomeadas α e β) e, um facsimile de aparato crítico com todas as correções manuscritas feitas por Vico, as conjecturas do editor, os *marginalia* e as apostilas extraídas dos exemplares anotados (compreendendo as apostilas dos exemplares manuscritos XIII H 58 e 59 com as correspondências supraindicadas do manuscrito das correções quartas); na sua segunda parte apresentará a transcrição integral das cma3 e cma4 (renomeadas γ e δ) com o aparato crítico contendo todas as autocorreções do autor e os acréscimos de várias naturezas ao manuscrito cma3 (γ)²⁰.

Esta situação interpretativa e exegéfica complexa, também sem negar o fundamento das teses — diversas e diversamente argumentadas — que convidam a privilegiar a última edição da *Scienza Nuova*, parece oportuna para restituir à edição de 1730 uma autonomia específica, e também gráfica, relativa às versões de 1725 e de 1744, documentando os níveis de estruturação do pensamento de Vico e da sua obra como a expressão, em 1730, de uma fase fundamental mas ainda intermediária, marcada por um caráter de provisoriedade. Por tudo isso, o exemplar apostilado aqui apresentado é somente um testemunho, importantíssimo, porém não exaustivo, de um itinerário do conhecimento e da pesquisa do mundo viquiano que, pela natureza complexa e a extensa do material disponível, demanda ainda aprofundamentos e atualizações críticas e filológicas adequadas, *in primis*, sobre o outro exemplar napolitano apostilado, o exemplar XIII H 58. Esta tarefa, para os próximos anos, demanda o empenho de pesquisa e de estudo, ela tem o apoio da **Fundazione Pietro Piovani per gli Studi Vichiani**, segura de poder contar com a colaboração e a coordenação de

²⁰ *Ivi*, p. 186.

energias competentes e voluntariosas, para poder fornecer também uma edição facsimilar idônea deste último exemplar²¹.

Tradução portuguesa de Humberto Guido

Data de Registro: 01/06/05

Data de Aceite: 15/06/05

²¹ Ao término da “empresa” que veio a luz com a edição anastática da *Scienza nuova* de 1730, é grato e justo dirigir um sincero agradecimento ao Diretor da Biblioteca Nacional de Nápoles, Dr. Mauor Giancaspro e ao Dr. Marcello Andria (da Seção de Manuscritos), pela sua colaboração cordial. A Fondazione Pietro Piovani contraiu uma dívida de reconhecimento com a estrutura do Centro de Serviços Didático-Científicos da Università degli Studi di Napoli “Federico II”, com seu Diretor, o Professor Ugo De Carlini e com o Senhor Cosmo Furno Palumbo do Departamento de Engenharia Eletrônica e das Telecomunicações do mesmo Ateneu, pela assistência especializada na atividade de reprodução digital do exemplar viquiano XIII H 59.